

O hip-hop e o teatro, a desigualdade e o silenciamento: *RAP Global*, pela Seiva Trupe

Daniel Dias

Adaptação da homónima obra poética do professor catedrático Boaventura de Sousa Santos tem hoje estreia no M.Ou.Co, Porto

“A raiva é a saliva da alma”, escreve Boaventura de Sousa Santos (n. 1940), professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em *RAP Global*, obra poética que junta a filosofia ao universo do hip-hop para falar de corpos marginalizados e silenciamento. Hoje, no M.Ou.Co, hotel e espaço cultural do Porto, a Seiva Trupe estreia a sua adaptação desse texto – e a raiva revela-se o elemento central de uma criação pluridisciplinar, que vai da música e do teatro à instalação e à chamada poesia falada (ou *slam poetry*).

Encenada por Sandra Salomé, a peça possui uma hibridez que complexifica quaisquer esforços de categorização. E há um experimentalismo abstracto naquela que é a sua linguagem performativa. “Não é bem a personagens que os actores dão corpo, é a estados de espírito”, conta ao PÚBLICO o actor Miguel Branca, que partilha o palco com Allex Miranda, Joel Sines e Teresa Fonseca e Costa.

Quando os intérpretes – que, não sendo *rappers* propriamente ditos, exploram uma enunciação próxima da poesia falada – reflectem sobre o potencial edificador do hip-hop, falam de um género musical que é um lugar de resistência e um transgressor de fronteiras. A Seiva Trupe sacorre-se dos seus ritmos e da sua carga interventiva para discorrer sobre diferentes tipos de discriminação e aquilo que separa privilegiados de desfavorecidos.

Os anónimos protagonistas de *RAP Global*, salienta Joel Sines, são “corpos emigrados, refugiados, violados, violentados...” O actor afirma que Sandra Salomé tem “proposto um trabalho muito físico” aos quatro intérpretes: “Quer que incorporem, na verdadeira acepção do verbo, algumas dessas ontologias dos silenciados.”

Em termos plásticos, o espectáculo remete para um ambiente tipicamente urbano, que, segundo a encenadora, “pode ser de qualquer cidade do mundo, sobretudo uma parte da cidade próxima da periferia”. Até domingo (12 de Dezembro), dia em que acontece a última récita,



NELSON GARRIDO

“Actores dão corpo a estados de espírito”, conta Miguel Branca

o palco do M.Ou.Co estará repleto de contentores, sinais de trânsito e grades. Sandra Salomé ainda se lembra da “primeira imagem” mental que teve para o dispositivo cénico: “Um veículo encontra-se parado num semáforo à noite, o condutor abre a janela e vê-se num pedaço de cidade a acontecer. O sinal abre, o carro arranca e aquilo que passamos a ver é um pedaço de cidade sem princípio, meio e fim. Este espectáculo é um pequeno fragmento de uma cidade – e poderia ser outro, contanto que o carro tivesse parado noutra sítio.”

Reciclagem de saberes

Os contentores são convocados porque, destaca Salomé, o hip-hop pode ser entendido como uma espécie de “reciclagem dos vários saberes do mundo” – ideia para a qual muito contribui a cultura do *sampling*. “Há quem pense que a reciclagem é uma coisa negativa – ‘Tudo é reciclado, nada é original.’ Nós preferimos pensar que tudo pode ser matéria-prima para se criar coisas novas”, sustenta, antes de assinalar que as grades, por seu turno,

Os intérpretes, não sendo *rappers* propriamente ditos, exploram uma enunciação próxima da poesia falada

podem ser associadas a uma ideia de “fronteira” – e à noção de que há portas que uns conseguem abrir mais facilmente do que outros.

A sonoplastia de *RAP Global* foi trabalhada por Fuse, membro de um grupo histórico do hip-hop português, os Dealema. Para conseguir dialogar com as palavras proferidas pelos actores, o artista procurou fazer com que o hip-hop que se ouve na peça convivesse com vestígios de música árabe, clássica, cubana e espanhola, por exemplo. Tentou dar “universalidade” a um espectáculo desprovido de uma geografia específica, que, sugere o MC e produtor, não será “de nenhum sítio” porque tenta ser “de todo o lado”.

“Esse texto representa uma população que quis ser ouvida”, observa o brasileiro Allex Miranda, que concorda com Sandra Salomé quando a encenadora defende que uma das grandes qualidades da obra de Boaventura de Sousa Santos tem que ver com a forma como o professor coloca, de uma maneira orgânica, “a chamada cultura erudita ao nível da cultura ‘das ruas’”. O actor diz que “serão ouvidos excertos de Camões e Nietzsche” antes de referir ter “a certeza de que o público não vai saber distinguir um morador da Rocinha [favela situada no Rio de Janeiro] desses outros, em termos de nomenclatura, grandes pensadores”. “Todos eles são *rappers*, todos eles quiseram usar a escrita como um veículo de expressão. E nós, com os nossos corpos, estamos a dar cor e vida às suas palavras.”